

Potencialidades Turísticas da Serra da Lousã

JOSÉ JOAQUIM DAS NEVES PAUL * [josepaul@dgrf.min-agricultura.pt]

1. Introdução

Situada na cordilheira Montejunto – Estrela, a Serra da Lousã apresenta um conjunto de mais valias capazes de se tornarem num motor de desenvolvimento turístico regional e atrair investimentos à região.

Caracterizada por paisagens de rara beleza sob o ponto de vista orográfico complementado com flora e fauna de inegável valor na região, bem como outros recursos associados constitui um ecossistema

único na Região Centro com forte apetência para o Turismo de Montanha.

Abrange os concelhos de Figueiró dos Vinhos, Pedrógão Grande e Castanheira de Pêra, no distrito de Leiria, bem como os concelhos de Lousã, Miranda do Corvo, Penela, Góis e Pampilhosa da Serra, no distrito de Coimbra. Contudo, as mais valias existentes necessitam de ser geridas e articuladas de modo a serem potenciadas e evitar a anulação de umas em favor de outras.



* Licenciado em Silvicultura pelo Instituto Superior de Agronomia e **Chefe** do Núcleo Florestal do Pinhal Interior Norte.

2. Paisagens

A Serra da Lousã pertence ao complexo xisto-grauváquico e é atravessada por uma crista de quartzitos, que pela sua maior resistência à erosão é responsável pelos penedos existentes, com falésias abruptas, com destaque para os Penedos de Góis.

A sua maior altitude situa-se no Trevim com 1204 m, local de encontro dos concelhos de Lousã, Góis e Castanheira de Pêra.

A linha de cumeada principal tem direcção E-W e é responsável pela constituição de duas bacias hidrográficas pertencentes ao Rio Zêzere e ao Rio Mondego.

Estas linhas de água são de diversos tipos, chegando a ser temporárias ou apresentando caudais volumosos durante todo o ano como a Ribeira da Pena ou Ribeira de Alge.

A vegetação é bastante diversificada e compreende desde vestígios de vegetação natural como a Mata do Sobral às arborizações com recurso a folhosas exóticas de rápido crescimento.



Contudo, a existência de grandes áreas baldias co-geridas pelo Estado que procedeu a grandes arborizações, na década dos anos 30, com recurso a espécies diversas conforme as potencialidades dos solos, destacando-se o pinheiro bravo nos solos mais pobres e carvalhos, castanheiros e outras folhosas nos solos mais ricos, o que permitiu instalar o mosaico florístico ainda existente.

Ao longo dos anos, apoios do Estado à reflorestação, o vento e animais contribuíram para que estas espécies ocupassem, gradualmente, as áreas privadas envolventes.



3. Rede Natura 2000

Pela aplicação da Directiva n.º 92/43/CEE (*Habitats*) transposta para a legislação nacional pelo Decreto-Lei n.º 149/99 de 24 de Abril, que objectiva contribuir para a conservação da biodiversidade, através da manutenção de *habitats* naturais, da fauna e flora selvagem, e nas quais as actividades humanas deverão ser compatíveis com a preservação dos valores ambientais identificados, parte da Serra da Lousã foi classificada no Grupo7 Serra da Lousã com o código PTCON0060 na Lista Nacional de Sítios, sendo reconhecidos, deste modo, a importância e valor ecológico desta Serra.



4. Caça

Por solicitação da Câmara Municipal de Miranda do Corvo, foi concluído, em 1987, um “Projecto Integrado de Desenvolvimento da Serra da Lousã – Proposta de Intervenção na Área Florestal”, onde, pela primeira vez, é proposta a constituição de uma Zona de Caça gerida pelo Estado.



A continuidade dos trabalhos neste sector levou à constituição da Zona de Caça Nacional (Z.C.N.) da Serra da Lousã com 10851 ha.

Claramente vocacionada para espécies de caça maior pela vegetação existente, foram introduzidos, a partir do ano de 1994, cerca de 30 corços e 80 veados.

A resposta a esta introdução veio mostrar a boa adaptabilidade destas espécies à área, vindo os estudos levados a efeito a apresentar como potencialidade máxima a existência, no interior da Z.C.N., de 634 veados e 944 corços, que possibilita o abate anual de 190 veados e 236 corços.

Os censos estimam uma população de 368 veados e 44 corços, incluindo as áreas envolventes à Z.C.N.

Também a existência natural de javalis encontra aqui um *habitat* com potencialidades já demonstradas pela existência de inúmeras montarias levadas a efeito, bem como a caça pelo processo de espera a esta espécie.

De salientar a necessidade de evitar que os animais saiam da Z.C.N. através da instalação de cercas e passagens canadianas para maximizar as suas potencialidades. Caso contrário, os animais serão forçosamente abatidos pelos prejuízos agrícolas e florestais que causam nas áreas envolventes, perdendo-se, deste modo, grande parte da potencialidade da caça maior na Serra da Lousã.

Alerta-se, desde já, a impossibilidade da prática de qualquer outra actividade na área quando decorrerem actos venatórios por motivos óbvios de segurança.

5. Pesca desportiva de salmonídeos

As águas límpidas, oxigenadas e sem poluição da Serra da Lousã sempre atraíram pescadores de várias regiões de Portugal pela abundância de trutas fario.

O excesso de pressão piscatória, o furtivismo e a utilização de métodos proibidos, bem como o assoreamento destes cursos de água contribuíram para a redução destes peixes tão procurados.

Pelas recentes concessões de pesca desportiva no Rio Ceira (3), Rio Unhais (2) e Ribeira de Pêra, julga-se potenciar o ordenamento e gestão piscícola e esperar um retrocesso pela positiva do panorama dos salmonídeos destes cursos de água.

As concessões no Rio Ceira são, já hoje, bastante procuradas por pescadores de várias regiões do país e asseguram já provas desportivas em diferentes modalidades, como o campeonato do mundo de pesca à pluma, a realizar de 9 a 17 de Setembro de 2006.



6. Desportos motorizados

Os declives acentuados, as dificuldades dos percursos sinuosos e o arvoredado denso atraem os amantes destes desportos, principalmente para treinos e mesmo provas desportivas na maior parte das vezes ilegais.

A região é rica em áreas propícias à prática destes desportos pelo que os clubes que possuem, nos seus estatutos, esta actividade desportiva deverão ser sensibilizados a identificarem um local adequado à sua prática. São responsáveis, muitas vezes, pela degradação de caminhos, lixos e plásticos abandonados nas áreas florestais. Afugentam animais e provocam poluição sonora.

7. BTT

Desfrutar da natureza de uma forma saudável pela utilização de BTT através de aventura ou passeio por carreiros e trilhos é cada vez mais um pólo de atracção da Serra da Lousã. Também aqui se verificam abusos na utilização de espaços e desrespeito pela natureza, principalmente pela criação abusiva de novos trilhos.

8. Aldeias de Xisto

Integrado no Programa Operacional da Região Centro, decorre a recuperação de casas de aldeias cujo material de construção utilizado é o xisto.

O Programa da Rede de Aldeias do Xisto objectiva a conservação das aldeias e a promoção de actividades económicas de restauração, alojamento, comércio de produtos locais e turismo.



9. Gastronomia

A região possui um património de gastronomia regional que se relaciona com a serra, a caça, a pesca, a agricultura e a pecuária da região.

A chanfana, a sardinha albardada, a tibornada, a tijelada e a aguardente de mel são apenas alguns exemplos da gastronomia típica que poderemos encontrar nos restaurantes dos concelhos abrangidos pela Serra da Lousã.

10. Parapente

A utilização de pára-quedas com chegada suave ao solo, percorrendo enormes distâncias e permanecendo no ar por períodos longos de tempo sem qualquer apoio mecânico, sabendo apenas aproveitar as correntes térmicas ascendentes, tem provocado a admiração da população local.

São cada vez mais os apaixonados por esta modalidade que se deslocam à Serra da Lousã pelas condições favoráveis existentes.

Contudo, a existência de inúmeros parques eólicos a instalar e a utilização de aeronaves no combate a incêndios florestais devem condicionar a utilização indiscriminada deste espaço para a prática da modalidade.

11. Mel

A apicultura, na Serra da Lousã, tem longa tradição e ocupa um papel importante no que respeita ao aproveitamento dos recursos associados à floresta.

O mel da Serra da Lousã é certificado e obtido, principalmente, de nectários florais de urzes com alguma presença de castanheiro. Possui cor âmbar ou âmbar escuro, quase negro, e alta viscosidade de paladar intenso com alguma adstringência.



As produções médias, por colmeia, não são elevadas, mas permitem características muito particulares, cuja especificidade mereceu o reconhecimento da União Europeia ao atribuir a menção de Denominação de Origem Protegida ao mel da Serra da Lousã.



Muitas mais valias poderiam ser mencionadas e descritas, tais como, as praias fluviais, o artesanato, o elevado número de monumentos, etc., levando-nos a concluir a existência de vários pólos de atracção para os visitantes e capazes de potenciar verdadeiramente o turismo regional na Serra da Lousã.

Contudo, existem demasiados constrangimentos que urge solucionar:

- Necessidade de articulação e atracção de investimentos;
- Melhor defesa da área contra incêndios florestais;
- Criação de circuitos para desportos motorizados, de modo a salvaguardar a área classificada na Rede Natura 2000 e Zona de Caça Nacional;

- Criação de percursos pedestres e outros roteiros temáticos;
- Definição clara das incompatibilidades e condicionantes;
- Salvaguarda de áreas de “santuários” de fauna e flora da presença de pessoas não sensibilizadas, pela proibição de circulação de viaturas não autorizadas;
- Limitação da velocidade de viaturas nas restantes áreas (30 Km/h).

Para solucionar estes constrangimentos e maximizar as potencialidades turísticas da Serra da Lousã, sou de opinião da necessidade de um *Programa Estratégico de Desenvolvimento Sustentável* assente num *Plano Operacional de Turismo*.

Para coordenar todas estas acções, a existência de uma Comissão de Acompanhamento com concentração das funções repartidas pelas diferentes entidades envolvidas em cada actividade, poderá desempenhar, de forma responsável e competente, as funções propostas para levar a bom termo os objectivos propostos.